

De Diego Pinheiro

O Bolo de Aniversário do Menino Ranhoso

(Peça em ato único pra crianças)

Para Marcos Moreira e Elmir Mateus, o Sonolento e o Risonho.

A fome não é exigente: basta contentá-la; como, não importa.

Sêneca

Personagens: Dois moradores de rua. O Risonho (mais novo) fica com um sorriso durante toda a ação, e o Sonolento (mais velho) boceja durante toda a ação.

Cenário: Uma esquina de rua.

A peça começa com um único foco de luz deixando visíveis as personagens. O Sonolento dorme encostado a uma parede, o Risonho olha para frente, de quatro, como se avistasse alguma coisa. O Sonolento boceja. O Risonho suspira de olhos fechados, como se estivesse degustando uma comida saborosa. O Sonolento boceja. O Risonho parece ainda suspirar de olhos fechados e de quatro, como se fosse um cão. O Sonolento boceja. Em seguida, o Risonho para de suspirar e olha para o Sonolento, chupa um dedo. Olha para o Sonolento. Chupa outro dedo. Olha para o Sonolento. Chupa outro dedo e suspira. Olha para o Sonolento. Tenta ficar de pé, mas não consegue se equilibrar e cai. Tenta novamente, mas cai novamente. Desiste e fica sentado. Deixa o sorriso mais largo. Gargalha, mas não sai nenhum som. Toma uma boa quantidade de ar e o solta em sua fala.

RISONHO – *(Sorrindo.)* Nunca me convenceram que o dia de hoje era bom! *(Olha para o Sonolento.)* Nunca me convenceram que o dia de hoje era bom!

O Sonolento boceja.

RISONHO – *(Sorrindo.)* O dia de hoje é uma bosta! *(Grita da direção do Sonolento pausadamente.)* Uma bosta! *(Fala mais baixo.)* Uma bostinha!

O Sonolento boceja.

SONOLENTO – *(Se espreguiçando.)* Por que nunca fizeram festinhas, com docinhos pra você? *(Funga.)*

RISONHO – *(Gargalha, mas não sai nenhum som. Toma ar.)* Não... Que é isso?! Tive festinhas com docinhos, muito animadas por sinal... Mas não sei. *(Funga.)*

SONOLENTO – *(Boceja.)* Bem... O que queria?

RISONHO – Sei lá... Brigadeiro! *(Sorri visualizando ao longe.)* Melhor... Bolo! Hum...

SONOLENTO – Hum... Bolo!

RISONHO – Hum... Bolinho...

SONOLENTO – (*Se lembrando.*) Eu adorei aquele bolo! (*Faz um esforço para ficar sentado. Fica sentado. Parece ver alguma coisa ao longe.*) Olha... Olha... É ele! É o Menino!

RISONHO – (*Olhando para mesma direção em felicidade eufórica.*) Ele está trazendo o bolo?

SONOLENTO – Eu espero que sim... (*Sussurra.*) Ei... Ei... Ê... Í...

RISONHO – Grite mais alto!

SONOLENTO – (*Sussurrando.*) Ei... Ei...

RISONHO – Esta indo bem, mas faça sinais com os braços.

SONOLENTO – (*Levanta um braço, mas ele cai. Levanta o outro, mas ele cai. Levanta os dois, mas os braços caem. Sussurrando.*) Ei... (*Mais baixo*)... Ei... Menino... Menino...

RISONHO – (*Se arrasta na direção do Sonolento, fica atrás dele. Levanta os braços dele e começa a balançar fazendo sinais.*) Pronto, eu estou levantando os seus braços, agora você só tem o trabalho de gritar.

SONOLENTO – (*Sussurrando.*) Menino... Ei... (*Ele olha na mesma direção como se estivesse procurando alguma coisa.*)

RISONHO – (*Mantendo os braços do Sonolento no ar.*) O que foi? Grite!

SONOLENTO – Ele virou a esquina. Não estou mais vendo ele!

RISONHO – (*Deixa os braços do Sonolento desabarem.*) O quê?

SONOLENTO – (*Com um olhar de horror.*) Ele foi levar o bolo para outra pessoa!

RISONHO – (*Arrasta-se para frente. Gargalha, mas não sai nenhum som.*) Que merda de dia!

SONOLENTO – (*Olha para o Risonho. Pausa. Mudança de tom.*) Então vá fazer o dia. (*Funga.*)

RISONHO – Como é que se faz dia?

SONOLENTO – Na fábrica de dias!

RISONHO – (*Sorrindo.*) Ai, ai... (*Funga.*)

SONOLENTO – *(Sorrindo bobo.)* Ai, ai... *(Olha para o Risonho.)* Mas é sério!

Silêncio.

RISONHO – O Menino não trouxe bolo ontem!

SONOLENTO – Trouxe, ora!

RISONHO – Como assim ele trouxe? Eu não comi bolo!

SONOLENTO – Eu sei. Eu comi tudo!

RISONHO – *(Sorrindo.)* Como você pode fazer isso?

SONOLENTO – Com a minha boca. *(Abre ao máximo a boca.)*

RISONHO – *(Sorrindo.)* Como você pode fazer isso?

SONOLENTO – *(Fecha a boca. Demora a responder.)* No outro dia você comeu o bolo todo, por tanto, nada mais certo que eu tenha comido o bolo todo ontem.

RISONHO – Mas o certo é nós dois comermos o bolo juntos.

SONOLENTO – Mas naquele dia você não pensou nisso.

RISONHO – *(Sorrindo.)* Isso significa que se o Menino trouxer o bolo eu vou comer ele sozinho!

SONOLENTO – Isso significa que amanhã eu como o bolo sozinho também.

RISONHO – Isso significa que depois de amanhã eu como o bolo sozinho, certo?!

SONOLENTO – Isso significa que depois de depois de amanhã eu como o bolo sozinho, há?!

RISONHO – Isso significa que depois de depois, de depois de amanhã, eu posso comer o bolo sozinho, e aí?!

SONOLENTO – Isso significa que...

Ouve-se um ronco. Eles ficam quietos, subjugados. Silêncio. O Risonho funga e limpa o nariz, logo em seguida o Sonolento funga e limpa o nariz também.

RISONHO – De que era o bolo?

SONOLENTO – *(Boceja.)* Hã? *(Sorri feito um bobo.)*

RISONHO – De que era o bolo?

SONOLENTO – *(Se lembrando.)* Ah... *(Silêncio. Sorri feito um bobo. Limpa o nariz. Fica quieto.)*

RISONHO – *(Inquieto.)* De que era o bolo, ora essa?

SONOLENTO – *(Se lembrando novamente.)* Ah... Era de Manga!

RISONHO – *(Sorrindo. Suspira.)* Hum... Bolo de manga... *(Pausa.)* Pensei que ele fosse trazer bolo de caju.

SONOLENTO – *(Enfático.)* Hã?

RISONHO – Mas ele traz hoje e como sozinho!

SONOLENTO – Não existe bolo de caju!

RISONHO – Como assim não existe? Comi bolo de caju na semana passada. Tinha castanha e tudo.

SONOLENTO – Você tá louco! O que você comeu foi bolo de graviola!

RISONHO – Foi graviola, foi?

SONOLENTO – Claro que foi de graviola. Foi quando o Menino trouxe o bolo de graviola por engano, pois você queria naquele dia bolo de guaraná; aí você disse: “Graviola! Hum... Adoro bolo de graviola!”

RISONHO – *(Gargalha, mas não sai nenhum som.)* Foi mesmo, tinha esquecido desse fato. O Menino... ai, ai... É verdade, eu gosto de bolo de graviola! *(Funga.)* E você?

SONOLENTO – *(Boceja.)* E eu!

RISONHO – É... e você?

SONOLENTO – E eu!

RISONHO – Você?

SONOLENTO – E eu o quê?

RISONHO – Você gosta de bolo de que?

SONOLENTO – E eu! *(Pausa. Boceja.)* Gosto de bolo de...

RISONHO – *(Sorrindo.)* Manga! Afinal, nem me esperou para comer o bolo ontem. Ladrão de bolo de manga!

O Sonolento boceja. Silêncio.

RISONHO – *(Sorrindo.)* Nunca me convenceram que o dia de hoje era bom!

SONOLENTO – *(Boceja.)* Não quer aproveitar esse dia?

RISONHO – Como? Sem bolo?

SONOLENTO – É!

RISONHO – Não, eu não quero.

SONOLENTO – Tudo bem, então.

RISONHO – Você ainda não entendeu o porquê?

SONOLENTO – O porquê de quê?

RISONHO – De tudo.

SONOLENTO – *(Boceja. Sem dar atenção ao outro.)* Misture uma lata de leite coalhado com uma colher de sopa de óleo usado durante um mês na chapa de um esquentador de sanduíches...

RISONHO – Não, pois se você não me entendeu eu explico.

SONOLENTO – *(Ainda sem dar atenção ao Risonho)...* Com um copo de farofa de pão duro...

RISONHO – Olha, é assim...

SONOLENTO – Você vai explicar, é? *(Funga.)*

RISONHO - Vou!

SONOLENTO – *(Bocejando.)* Não precisa... Pelo amor de Deus!

RISONHO – *(Sorrindo.)* Hum... Tem medo das minhas explicações!

SONOLENTO – O quê?

RISONHO – Tem medo da minha genialidade!

SONOLENTO – Hã?

RISONHO – Tem medo da minha sapiência!

SONOLENTO – Sapi... O quê?

RISONHO – Tem medo da minha erudição!

SONOLENTO – Eru... eru... (*Sorri bobo.*)

RISONHO – Tem medo...

Ouve-se um ronco. Eles ficam quietos, subjugados. Silêncio. O Risonho funga e limpa o nariz, logo em seguida o Sonolento funga e limpa o nariz também.

RISONHO – Li tudo isso em um livro.

SONOLENTO – Você sabe ler?

RISONHO – Somente as consoantes.

SONOLENTO – E eu as vogais.

Silêncio.

RISONHO – Paro e penso se realmente preciso disso. O Menino passou ontem e eu não comi bolo, passou hoje, mas fez de conta que não nos viu... (*Gargalha, mas não sai nenhum som.*) Que condição terrível! (*Silêncio. Sorrindo. Olha para o Sonolento.*) Li outra coisa... Sobre Pasárgada! É um lugar, um lugarejo, onde existe tudo que queremos...

SONOLENTO – Até bolo?

RISONHO – (*Com se estivesse delirando.*) Até bolo e...

SONOLENTO – De sabores variados?

RISONHO – (*Como se estivesse delirando.*) Com sabores variados e...

SONOLENTO – Com cerejas enfeitando?

RISONHO – (*Como se estivesse delirando, mas impaciente.*) Com cerejas enfeitando e...

SONOLENTO – Em bandejas de prata?

RISONHO – (*Como se estivesse delirando, mais impaciente ainda.*) Em bandejas de prata e...

SONOLENTO – Recheados?

RISONHO – *(Mais impaciente.)* Recheados e...

SONOLENTO – Com...

RISONHO – Deixe eu contar a história!

O Sonolento fica com cara de bobo.

SONOLENTO – Deixo. *(Funga.)*

RISONHO – *(Como se estivesse contando uma história para uma criancinha.)* Pasárgada é um lugar bonito, bonitinho, com uma floresta, florestinha, onde existem pés de muitas frutas para a fabricação de bolos, de bolinhos. Mas o melhor de todos os bolos é o sagrado, o lendário, o inigualável... Bolo de Beterraba com Hortelã!

SONOLENTO – O Lendário Bolo de Beterraba com Hortelã... Hum...

RISONHO – Sim...

SONOLENTO – *(De olhos fechados.)* Ah... Eu quero! *(Sorri feito um bobo.)*

RISONHO – *(Gargalha, mas não sai nenhum som.)* Eu quero ir pra Pasárgada!

SONOLENTO – Eu também!

RISONHO – *(Grita.)* Comer o Lendário Bolo de Beterraba com Hortelã...

SONOLENTO – *(Sussurra, pensando que grita.)* Comer o Lendário Bolo de Beterraba com Hortelã... *(Pausa. Fica pensativo.)* Bolo de Beterraba com Hortelã é roxo, né?

RISONHO – Eu não sei... Nunca vi um. Mas pode ser verde. *(Pausa.)* Por causa da hortelã...

SONOLENTO – Ué... Você já viu uma hortelã?

RISONHO – Não!

SONOLENTO – E como sabe que uma hortelã é verde?

RISONHO – *(Sorrindo.)* Tudo bem, ela pode ser amarelinha.

SONOLENTO – *(Horrorizado.)* Será que o Lendário Bolo de Beterraba com Hortelã não existe? Assim como o bolo de caju?

RISONHO – *(Sorrindo.)* Assim como Pasárgada?

SONOLENTO – Assim como Pasárgada?

RISONHO – Mas se o bolo é o Lendário Bolo de Beterraba com Hortelã? Ele deve existir.

SONOLENTO – Claro, você tem razão. Ele não é lendário à toa.

RISONHO – Mas o que é lendário, não é lenda?

SONOLENTO – E o que é lenda?

RISONHO – *(Demora em responder. Olha para o Sonolento.)* Lenda é a gente, né, não?! *(Eles se olham.)*

Silêncio.

SONOLENTO – Será que o Menino passa novamente?

RISONHO – Eu quero que passe.

SONOLENTO – Eu também.

RISONHO – Eu quero mais. Pois eu não lhe darei nenhum pedacinho do bolo de maracujá que ele vai trazer.

SONOLENTO – Maracujá?

RISONHO – É... Maracujá!

SONOLENTO – Não existe esse bolo, não, tonto!

RISONHO – Não?

SONOLENTO – Claro que não... Eu, hein! Que coisa fantasiosa.

RISONHO – Eu tenho certeza que existe bolo de maracujá. *(Sorrindo.)* E é você que é tonto!

SONOLENTO – E como você sabe que o Menino vai vir? E como você sabe que o bolo é bolo de maracujá?

RISONHO – Eu sou sensitivo!

SONOLENTO – Hã?

RISONHO – *(Sorrindo. Fecha os olhos. Tenta se levantar, mas cai. Tenta imitar uma cartomante, põe a mão na cabeça.)* Sinto que o Menino vai vir, e vai trazer bolo de maracujá.

SONOLENTO – *(Olhando para o Risonho. Diz conformado e baixo.)* Ai, meu Deus, ficou doido!

RISONHO – *(Abre os olhos. Sorrindo.)* É verdade eu tenho esse dom.

SONOLENTO – Eu não duvido, não...

RISONHO – Se quiser eu explico.

SONOLENTO – *(Sem dar atenção ao Risonho.)* Meia colher de sopa de suco em pó de acerola. Bata tudo no liquidificador...

RISONHO – É assim, é fácil...

SONOLENTO – Você vai explicar, é?

RISONHO – Vou...

SONOLENTO – Não, não... Não precisa.

RISONHO – Tá bom.

Silêncio. O Risonho fica olhando na direção onde viu o Menino. Gargalha, mas não sai nenhum som.

RISONHO – Nunca me convenceram que o dia de hoje era bom!

Pausa.

SONOLENTO – *(Estranhando.)* Que dia é hoje?

RISONHO – *(Sorrindo.)* Um dia ruim.

SONOLENTO – Que dia será amanhã?

RISONHO – O dia de hoje.

SONOLENTO – Ah... tá...

RISONHO – Ah... tá...

SONOLENTO – *(Conformado.)* Todos os dias são hoje.

RISONHO – *(Olha para o Sono lento.)* Pra você deve ser diferente.

SONOLENTO – Como assim diferente?

RISONHO – Ora, essa... Você sempre dorme! Os dias para você são diferentes, é tudo novo quando acorda. *(Gargalha, mas não sai nenhum som.)* Para mim tudo é agora!

SONOLENTO – Que bom pra você. *(Silêncio.)* Fechar os olhos não significa só dormir. Deitar não significa só dormir.

RISONHO – Então significa mais o quê?

SONOLENTO - Morte!

Silêncio. O Risonho funga e limpa o nariz. O Sono lento funga e se deita. Fecha os olhos.

RISONHO – *(Sorrindo.)* Você vai morrer?

SONOLENTO – Não, eu vou dormir.

RISONHO – Ah... tá...

SONOLENTO – Mas se o Menino aparecer você vai ter que me acordar. *(Funga.)*

RISONHO – Posso te acordar, mas vou comer o bolo de uva sozinho!

SONOLENTO – Mas não era bolo de maracujá que você disse?

RISONHO – Bolo de maracujá não existe.

SONOLENTO – O seu dom te traiu?

RISONHO – Não! Ele se equivocou. *(Funga.)*

SONOLENTO – Bolo de maracujá deve dar é sono, isso, sim.

RISONHO – *(Sorrindo.)* Eu tô começando a achar que o bolo de manga que você falou era de maracujá!

SONOLENTO – Antes fosse. Assim dormia sem esforço.

Pausa.

RISONHO – Ei! Qual é o nome do Menino?

SONOLENTO - Astrogildo!

RISONHO – Mentira! Esse é o nome do seu tio!

SONOLENTO – Você errou. (*Olha para o Risonho.*) É o nome da minha vó!

RISONHO – (*Gargalha, mas não sai nenhum som.*) É mesmo!

SONOLENTO – Mas isso é uma verdade. O Menino tem que ter um nome... Estou cansado de chamar ele de Menino.

RISONHO – Chama de Menininho. (*Funga.*)

SONOLENTO – Por que usa tantos diminutivos?

RISONHO – Porque é mais próximo de mim.

SONOLENTO – Entendi.

Pausa.

RISONHO – Por que não procuramos o Menino?

SONOLENTO – É verdade. Eu vou!

RISONHO – Você vai?

SONOLENTO – Eu vou!

RISONHO – Então vá!

SONOLENTO – Eu vou!

RISONHO – Então vá!

SONOLENTO – (*Continua sentado.*) Estou indo! (*Mantém o olhar no horizonte.*)

RISONHO – Está vendo ele?

SONOLENTO – Ainda não.

RISONHO – E agora?

SONOLENTO – Ainda não.

RISONHO – E agora?

SONOLENTO – Ainda não.

RISONHO – E agora?

SONOLENTO – Ainda não.

RISONHO – *(Gargalha, mas não sai nenhum som.)* E agora?

SONOLENTO – *(Em felicidade eufórica.)* Estou, é o Menino!

RISONHO – Onde, onde?

SONOLENTO – *(Aponta para frente.)* Ali, olha ele ali!

RISONHO – *(Olha na direção.)* Grite! Chama ele!

SONOLENTO – *(Sussurra.)* Menino... Ei... ei... Menino... Menininho...

RISONHO – Grita! Diz que quer bolo.

SONOLENTO – *(Sussurra.)* A-há, u-hú, Menino eu quero comer seu bolo...

RISONHO – Mais alto!

O Sonolento tenta levantar um braço, mas ele cai. Tenta levantar o outro, mas ele cai. Levanta os dois, mas os dois braços caem.

SONOLENTO – Os meus braços não me obedecem mais. *(Sussurra.)* Menino...

O Risonho tenta se levantar, mas cai. Tenta se levantar novamente. Fica de pé, meio que desequilibrado, mas desaba no chão com o traseiro para o ar e a cara no chão. Mantém os braços fazendo sinais.

RISONHO - Pronto, eu estou fazendo os sinais com as mãos, agora grita... “Eu quero bolo!”

SONOLENTO – *(Sussurra.)* Eu quero bolo!

RISONHO – “Eu quero bolinho!”

SONOLENTO – *(Sussurra.)* “Eu quero bolinho!”

RISONHO – Bolinho de uva!

SONOLENTO – *(Sussurra.)* Bolinho de uva... Mas bolo de uva não existe!

RISONHO – *(Fica sentado.)* Claro que existe. Já disse que sou sensitivo. *(Olha na direção do Menino.)* Olha, lá, o bolo é azul anil, claro que é de uva.

SONOLENTO – Como você sabe que a cor do bolo de uva é azul anil?

RISONHO – Ora, essa... É tão óbvio!

SONOLENTO – Claro que não é óbvio... *(Pausa.)* Olha, lá...

RISONHO – O que foi?

SONOLENTO – O Menino... Ele foi embora... *(Horrorizado.)* Foi levar o bolo para outra pessoa... *(Funga.)*

RISONHO – *(Gargalha, mas não sai nenhum som.)* Que bosta de dia! *(Fala mais baixo. Sorrindo.)* Uma bostinha!

Silêncio.

SONOLENTO – Depois me dizem que não temos perspectiva.

RISONHO – Hã?

SONOLENTO – Depois me dizem que não temos perspectiva.

RISONHO – Mas o que tem haver?

SONOLENTO – Ora, essa... Eu só vejo uma coisa, o Menino, e a única coisa que quero é que ele traga o bolo. O que custa? Atravessar a pista? Só tenho esse desejo... *(Pausa.)* Quero ir para Pasárgada!

RISONHO – Eu também!

SONOLENTO – Comer o Lendário Bolo de Beterraba com Hortelã.

RISONHO – *(Suspira.)* Hum...

SONOLENTO – *(Pausa. Olha para o Risonho.)* Eu podia te comer!

RISONHO – Sai pra lá, ô!

SONOLENTO – Eu podia te comer. Depois... eu te como de novo.

RISONHO – Eu, hein... Que coisa estranha.

SONOLENTO – Você é um bolo. O Lendário Bolo de Beterraba com Hortelã. O Lendário Bolo de Beterraba com Hortelã de aniversário!

RISONHO – *(Sorrindo.)* Então você é o bolo de caju... ou de uva... ou de maracujá, ou de...

Ouve-se um ronco. Eles ficam quietos, subjugados. Silêncio. O Risonho funga e limpa o nariz, logo em seguida o Sonolento funga e limpa o nariz também.

RISONHO – Que dia.

SONOLENTO – Sem um pedacinho de bolo.

RISONHO – Sem um farelinho.

SONOLENTO – Sem cerejas...

RISONHO – Sem bolos recheados...

SONOLENTO – Sem bandejas de prata...

RISONHO – Sem confeitos...

SONOLENTO – E nem velinhas.

RISONHO – Velinhas?

SONOLENTO – É velinhas.

RISONHO – Para quê?

SONOLENTO – Sei lá... Elas também podem ser comidas.

RISONHO – Comer vela?

SONOLENTO – É... Que é que tem?

RISONHO – Comer cera?

SONOLENTO – Ora, essa... O que há de mal?

RISONHO – A química!

SONOLENTO – Você é um tonto. Tudo no mundo é comestível, algumas coisas matam é verdade, mas você pode comer tudo, até velinhas. Olhe para você. Você é comestível. Eu sou comestível! Mas isso já é canibalismo. É mal visto pela sociedade.

RISONHO – Então eu posso me comer?

SONOLENTO – Claro... (*Boceja.*) Obviamente acabaria com a sua existência.

RISONHO – Verdade?

SONOLENTO – Sim. Só restaria a sua boca!

RISONHO – Eu não quero ser uma boca!

SONOLENTO – Imagine, somente existiria a sua boca feia sorrindo.

RISONHO – (*Gargalha, mas não sai nenhum som.*) Que condição terrível!

Pausa.

SONOLENTO – (*Colocando a mão no traseiro.*) Ai... hunf... ui, ai...

RISONHO – O que foi? Por que esta colocando a mão no traseiro?

SONOLENTO – O meu traseiro dói!

RISONHO – (*Sorrindo.*) Bem, aconselho então, você massagear o seu traseiro com a mão...

SONOLENTO – Pronto. Vou contar uma história!

RISONHO – Não sabia que sabia contar histórias? É historiador?

SONOLENTO – Não. Sou “historeiro”.

RISONHO – Qual é a história que o Senhor irá contar, Senhor “historeiro”?

SONOLENTO – Não sei, ainda. (*Procura alguma coisa no bolso. Vasculha tudo. Sai muito lixo de suas vestes.*) Aqui! (*Mostra uma casca de banana.*)

RISONHO – Oh... Uma casca de banana!

SONOLENTO – Não é uma simples casca de banana. É uma casca de banana que me fez cair.

RISONHO – Você caiu. (*Sorrindo.*) E doeu?

SONOLENTO – Sim. Somente a banda esquerda do meu traseiro. A história...

RISONHO – Qual é o nome dela?

SONOLENTO – Madalena!

RISONHO – Hum... Você vai contar uma história bíblica?

SONOLENTO – História bíblica? Eu vou contar a história da casca de banana!

RISONHO – Ah, é, é! Pensei que Madalena era o nome da história.

SONOLENTO – Você é um tonto mesmo!

RISONHO – Já sei! Madalena é o nome da casca de banana! (*Pausa.*) Que estranho, é a primeira vez que conheço alguém que tem uma casca de banana de estimação.

SONOLENTO – Madalena é o nome da banda esquerda do meu traseiro!

RISONHO – Ah é, é?

SONOLENTO – É! E o nome da banda direita é Gertrudes!

RISONHO – (*Sorrindo.*) Como irá contar uma história que não tem nome? Não tem vergonha?

SONOLENTO – Vergonha eu tenho, eu não tenho é o nome da história. (*Pausa.*) Você pode dar um nome para ela quando acabar de ouvir, o que acha?

RISONHO – Acho que está me pedindo para fazer o seu trabalho. Que tipo de “hitoreiro” é você que não dá um título a sua história?

SONOLENTO – “Meu Traseiro Dói!”

RISONHO – (*Sorrindo.*) O quê? E eu com isso?

SONOLENTO – Não... Esse é o nome da história: “Meu Traseiro Dói!”.

RISONHO – Ah, sim... Agora vai criar qualquer nome para ela. Tudo bem. Começa logo essa história.

SONOLENTO – Bem... aham... Começa assim: Eu estava andando feliz e saltitante...

RISONHO – Você anda?

SONOLENTO – Claro que ando. Você não anda?

RISONHO – (*Fica pensativo.*) Um pouco... O que chama de andar?

SONOLENTO – Movimentar para frente ou para trás isso que chamamos de pernas.

RISONHO – Ah! É isso? Então eu movimento as minhas pernas todos os dias e não sabia.

SONOLENTO – Lógico! Posso continuar?

RISONHO – Pode, ora essa.

SONOLENTO – (*Se recompondo.*) O dia era nublado, mas mesmo assim me senti tentado a conseguir uma banana. Então eu pensei: “Oh... Eu quero uma banana!” Foi então que eu fui para a feira, cheguei a uma barraquinha e disse: “Por favor, Senhor, deu-me uma banana”. O velhinho que me atendia estranhou e disse que somente vendia a dúzia, mas eu insisti para que ele me desse somente uma banana. Ainda disse: “Meu Senhor, eu não vou pagar nada ao Senhor, por isso, Senhor, quero somente uma banana, Senhor”. Ele se irritou, me deu a banana empurrando contra o meu peito, o groseirão. Ora essa, comi a banana e joguei a casca no chão, na minha frente para ser mais específico, quando cheguei perto dela depois de uns três segundos de ter se livrado da mesma, eu pisei e escorreguei.

RISONHO – (*Gargalha, mas não sai nenhum som.*) Dá próxima vez você consegue dinheiro e compra uma dúzia!

SONOLENTO – (*Pausa.*) Foi o que pensei. (*Pausa.*) O único problema é que eu teria que furar meus olhos para comprar bananas, tendo em vista que os cegos comovem mais.

Pausa.

RISONHO – Mas por que contou essa história?

SONOLENTO – Porque o meu traseiro começou a doer aí me lembrei.

RISONHO – Hum...

SONOLENTO – E também porque sei que o Menino não vem mais hoje.

RISONHO – Será?

SONOLENTO – Pare e pense. Ele nunca passou aqui duas vezes. Ele somente passa uma vez.

RISONHO – Justamente. Ele costuma passar somente uma vez, e para nos trazer bolo.

SONOLENTO – (*Olha para o Risonho.*) Acho que ele cansou da gente. (*Horrorizado.*) Esta levando bolo para outras pessoas.

RISONHO – Não fale isso...

SONOLENTO – (*Desolado.*) É o fim... Não teremos mais bolo.

RISONHO – (*Gargalha, mas não sai nenhum som. Pega a casca de banana do Sonolento e a balança como se fosse um lenço.*) Adeus bolo de caju, adeus bolo de uva, adeus bolo de maracujá, adeus...

SONOLENTO – *(Toma a casca de banana com irritação. Guarda-a no bolso.)* Que infelicidade! Você deu adeus a bolos que não existem.

RISONHO – Dei, foi?

SONOLENTO – Claro que sim. Esses bolos não existem. O que existem são os de manga, guaraná, graviola... O Lendário Bolo de Beterraba com Hortelã... hum...

RISONHO – Mas você nunca foi para Pasárgada, logo não sabe se realmente o Lendário Bolo de Beterraba com Hortelã existe.

SONOLENTO – *(Fica pensativo. Boceja.)* É verdade! *(Funga. Lembra-se.)* Claro... Acho que guardei pedaços de bolo por aqui.

RISONHO – Você não disse que comeu o bolo todo?

SONOLENTO – O de ontem... e foi por vingança! Mas e dos outros dias?

RISONHO – Verdade?

SONOLENTO – Mas você terá que procurar.

RISONHO – Eu?

SONOLENTO – É, você!

RISONHO – Por que eu? Não foi você quem guardou os pedaços?

SONOLENTO – Não acha justo? Eu guardei os pedaços, agora você procura.

RISONHO – *(Gargalha, mas não sai nenhum som.)* Você é um preguiçoso! Com certeza esta pedindo para eu procurar farelos.

SONOLENTO – Não é verdade. Guardei muitos pedaços e de sabores variados. *(Pausa.)* É só procurar. Vamos, vamos...

RISONHO – *(Começa a procurar. Para e olha para o Sonolento.)* Você não vai ajudar mesmo?

SONOLENTO – Ajudaria se Madalena não estivesse doendo. Tenho que ajudar a Gertrudes, ela sozinha não cuidaria da Madalena. *(Pausa.)* Não me veja como um imprestável.

RISONHO – Tudo bem, então. *(Começa a procurar. Arrasta-se pelo espaço.)* Você não se lembra onde colocou esses pedaços?

SONOLENTO – Lembro!

RISONHO – *(Para de se arrastar.)* Ué! Por que não me diz onde está e pronto?

SONOLENTO – Fica sem graça.

RISONHO – Entendi, é um jogo!

SONOLENTO – Justamente!

RISONHO – Ah... Assim fica mais divertido. *(Começa a procurar novamente.)*

SONOLENTO – Tá frio... Tá frio... Tá gelado... Gelando... Congelando... Pedra de gelo...

RISONHO – *(Gargalha, mas não sai nenhum som.)* Os meus joelhos doem e ainda estou gelado.

SONOLENTO – Não reclame, assim nunca vai encontrar os pedaços. Eles estão todos juntos.

RISONHO – Pelo menos isso, né?! *(Continua a procurar. Para.)* São quantos pedaços?

SONOLENTO – *(Boceja.)* Dez! *(Funga.)*

RISONHO – *(Gargalha, mas não sai nenhum som.)* Que ótimo! Vou me empanturrar. *(Continua a procurar.)*

SONOLENTO – Tá gelado ainda... Tá gelado... Descongelando... Tá frio, friozinho... Frio... Frio... Morno...

RISONHO – Tô perto?

SONOLENTO – Não tem graça se eu disser se esta perto ou não.

RISONHO – Mas você disse que eu estava morno.

SONOLENTO – Para o jogo ficar divertido a gente tem que trocar os nomes. Não sabia?

RISONHO – É, é?

SONOLENTO – É visível que você nunca jogou nada na vida.

RISONHO – Não é verdade. Já joguei pedras, sabia?

SONOLENTO – *(Indignado.)* Não falo desse tipo de jogo, tonto.

RISONHO – Tudo bem. Eu estou morno ainda?

SONOLENTO – Não, você congelou!

RISONHO – Não disse que neste lado eu estava morno?

SONOLENTO – Então por que pergunta? Vamos, procure, ou não quer comer bolo?

RISONHO – *(Continua a procurar.)* Tudo bem, tudo bem... Só não trapasse.

SONOLENTO – Tá gelado... *(O Risonho olha para o Sonolento.)* Tá morninho... *(O Risonho continua a procurar.)* Tá morno... Tá morno... Morno... Quente, tá quente, tá quente... Fervendo, fervendo...

O Risonho está às costas do Sonolento, mas o Sonolento não vira para olhar o Risonho, mesmo assim continua a dizer que este está cada vez mais perto dos pedaços de bolos. O Risonho olha para os dedos de sua mão e conta todos eles.

RISONHO – Achei!

SONOLENTO – Os dez?

RISONHO – Sim, os dez!

SONOLENTO – Então traga, vamos comer. Finalmente... Bolinhos.

RISONHO – *(Mostra as mãos abertas.)* Estão todos aqui!

SONOLENTO – Oh... Estão todos aí mesmo... Vamos comer.

RISONHO – Vamos dividir. Você come quatro e eu como seis.

SONOLENTO – Ora... Por que você come seis?

RISONHO – Eu esfolei os meus joelhos procurando, eu como mais.

SONOLENTO – Mas fui eu quem propôs uma diversão pra você, e fui eu que guardei os pedaços.

RISONHO – *(Pausa.)* Tá certo, seu pidão, meio a meio.

SONOLENTO – *(Sorri bobo.)* Vai, vai... me dá, me dá...

RISONHO – Toda vez que eu te der um pedaço você terá que me dizer qual é o sabor do bolo, certo?

SONOLENTO – É um jogo?

RISONHO – Sim.

SONOLENTO – Está bem, então.

RISONHO – *(Estende o polegar.)* Esse bolo é de quê?

SONOLENTO – *(Finge que come o dedo/pedaço de bolo.)* De pêra!

RISONHO – *(Estende outro dedo.)* E esse?

SONOLENTO – *(Finge que come.)* De kiwi!

RISONHO – *(Estende outro dedo.)* E esse?

SONOLENTO – *(Finge que come.)* De biri-biri!

RISONHO – *(Estende outro dedo.)* E esse?

SONOLENTO – *(Finge que come.)* De carambola!

RISONHO – *(Estende outro dedo.)* E esse? *(O Sonolento morde o dedo do Risonho.)* Ai!
(O Risonho fica sério.)

SONOLENTO – *(Esconde o rosto.)* De dedo! *(Mostra o rosto como se estivesse pedindo desculpas.)*

O Risonho se arrasta de um lado para outro sério. Tenta ficar de pé, mas não consegue. Tenta novamente, mas cai. Tenta de novo, mas cai novamente. Apóia-se na parede, fica de pé, ainda sério. Dá um passo. Dá outro passo. Solta a parede e cai. Fica sentado, se mantém sério. Segura o dedo que foi mordido.

SONOLENTO – Por que não está mais sorrindo?

RISONHO – Meu dedo dói!

SONOLENTO – Viu, você é comestível.

RISONHO – É... Eu sei, agora. Mas comer gente dói.

SONOLENTO – Eu sei!

RISONHO – Sabe?

SONOLENTO – Sei. Todos os dias eu sou devorado... Dói muito!

RISONHO – *(Gargalha, mas não sai nenhum som.)* Que condição terrível!

Ouve-se um ronco. Eles ficam quietos, subjugados. Silêncio. O Risonho funga e limpa o nariz, logo em seguida o Sonolento funga e limpa o nariz também.

RISONHO – Esse dia... hunf... Que dia... Nunca me convenceram que esse dia era bom. Nunca me convenceram da importância dele!

SONOLENTO – Mate esse dia, ora essa.

RISONHO – Não! (*Pausa.*) Como se mata um dia?

SONOLENTO – Eu não sei. (*Pausa.*) Rasgando um calendário?!

RISONHO – Será?

SONOLENTO – É a forma mais plausível que eu vejo.

RISONHO – Assim se mata um dia?

SONOLENTO – Depende, também...

RISONHO – Como assim depende? Você mesmo disse que se mata um dia rasgando um calendário... (*Pausa.*) Agora vou ter que procurar um, pois não vejo importância neste dia.

SONOLENTO – Não se precipite. Não quer aproveitar esse dia?

RISONHO – Sem bolo não tem como, já disse. (*Pausa.*) Mas até que eu gosto dele... mesmo sem bolo.

SONOLENTO – O quê? (*Funga.*)

RISONHO – (*Sorrindo.*) Gosto desse dia. (*Funga.*)

SONOLENTO – Você não disse que esse dia não era bom? Não é por isso que pretende matá-lo?

RISONHO – Não, eu não disse isso. Disse que nunca me convenceram que esse dia era bom.

SONOLENTO – (*Fica pensativo.*) Não é a mesma coisa, não?

RISONHO – Não.

SONOLENTO – O que muda?

RISONHO – O sentimento, ora!

SONOLENTO - Agora vem falar de sentimento. Tá doido?

RISONHO - Tô normal!

SONOLENTO - Parece que tá doido. (*Diz para si. Olha a platéia.*) É isso que a falta de bolo faz com as pessoas!

RISONHO - Por quê?

SONOLENTO - Gosta, não gosta... Ah, se decida! Quer aproveitar o dia ou não quer?

RISONHO - Não, já disse! Só se aproveita dias com bolos... E com Lendários Bolos de Beterraba com Hortelã... (*Suspira.*) Hum...

SONOLENTO - Por quê?

RISONHO – (*Sorrindo.*) Porque não quero aproveitar e pronto!

SONOLENTO - Sei, sei...

RISONHO – (*Pausa. Olha para o Sonolento.*) O que o dia é, e o que sinto por ele é diferente, entende?!

SONOLENTO - Talvez.

RISONHO - Entendeu, não?

SONOLENTO - Tá, tá... Entendi!

RISONHO - Não, porque se você não entendeu eu explico...

SONOLENTO - Não! Você explicando, não!

RISONHO - Tem medo?

SONOLENTO - Ora, de que?

RISONHO - Das minhas explicações?

SONOLENTO - Ah... Vai viver seu dia caótico e me deixe em paz! (*Faz que vai dormir. Vira-se contra a parede.*)

RISONHO - Nunca me convenceram que esse dia...

SONOLENTO -... era bom!

RISONHO – Como você sabe?

SONOLENTO – Você falou umas “trezentas e vinte dez” vezes. Decorei. Mas não fala mais...

RISONHO - No dia de hoje?

SONOLENTO - Não, não... (*Pausa.*) É só não repetir a mesma frase, tá bom?

RISONHO - Tudo bem, então.

SONOLENTO – (*Boceja.*) Sabia que iria entender.

RISONHO - Sempre entendo!

SONOLENTO - Tudo?

RISONHO - Não tudo, mas sempre.

SONOLENTO - Como tudo, mas sempre?

RISONHO - É assim...

SONOLENTO - Vai explicar, é?

RISONHO - Vou!

SONOLENTO - Não precisa.

RISONHO - Tá bom.

SONOLENTO – (*Vira-se. Examina o céu.*) O dia tá nublado!

RISONHO - O céu sempre fica nublado quando não se tem bolo. Por exemplo: em Pasárgada; lá nunca fica nublado.

SONOLENTO – (*Olha para o Risonho. Intrigado.*) Quanto é uma passagem pra Pasárgada?

RISONHO – Não sei... (*Pausa. Lembra-se.*) Mas o Menino deve saber!

SONOLENTO – Será?

RISONHO – (*Gargalha, mas não sai nenhum som.*) Já sei, é de lá que ele traz os bolos!

SONOLENTO – (*Espantado.*) Não...

RISONHO – Sim...

SONOLENTO – (*Espantado.*) Não...

RISONHO – Sim...

SONOLENTO – (*Mas espantado.*) Não...

RISONHO - É assim...

SONOLENTO - Vai explicar?

RISONHO - Vou!

SONOLENTO - Não, não... Deixa pra lá.

RISONHO - Tá bom, então! (*Funga.*)

Pausa.

SONOLENTO – (*Levanta-se. Funga.*) Nem que eu tente umas “oitenta e dez” vezes... Não consigo dormir. Mas estou sempre com sono.

RISONHO – (*Gargalha, mas não sai nenhum som.*) Que condição terrível!

SONOLENTO – Não quero ser igual a você. (*Boceja.*) Quero desligar às vezes. (*Funga.*) Se não gritasse eu continuaria dormindo.

Silêncio.

SONOLENTO – (*Olha para o Risonho.*) Queria nunca poder acordar.

RISONHO – Tá aí! Isso é uma forma de matar um dia.

SONOLENTO – Você acha?

RISONHO – (*Fica pensativo.*) Na verdade não acho, não.

SONOLENTO – Mas acho que deveria tentar. (*Pausa.*) Mas ninguém dorme para sempre.

RISONHO – (*Sorrindo.*) Fechar os olhos não significa só dormir, não é?

SONOLENTO – (*Olha fixamente para o Risonho.*) Não. (*Eles se olham. Silêncio.*)

RISONHO – Pronto. Eu vou tentar. (*Deita-se.*) Aí você me diz se o dia de amanhã vai ser bom.

SONOLENTO – *(Diz com tristeza.)* E se você não acordar?

RISONHO – *(Levanta a cabeça. Olha para o Sonolento. Sorri.)* Acordando ou não haverá outro dia.

O Risonho fecha os olhos e o Sonolento fica sentado encostado à parede, olhando para o Risonho que aparenta estar dormindo. As luzes vão se apagando em resistência. Depois de um tempo as luzes voltam com um único foco. O Risonho e o Sonolento estão de pé chupando os dedos.

SONOLENTO – Hum... Bolo de Beterraba com Hortelã... hum...

RISONHO – Hum... Que exótico. Hum...

SONOLENTO – Hum...

RISONHO – Hum, hum, hum.

SONOLENTO – Hum... hum, hum, hum?

RISONHO – Hum, hum, hum!

SONOLENTO – Hum, hum.

RISONHO – Hum. Hum, hum, hum?

SONOLENTO - Hum!

Eles continuam conversando, e as luzes se apagam em resistência.

Salvador, 27 de Outubro de 2009, casa de meus avós

